

Carta de Ano Novo



Ano Novo é também renovação de nossa oportunidade de aprender, trabalhar e servir.

O tempo, como paternal amigo, como que se reencarna no corpo do calendário, descerrando-nos horizontes mais claros para a necessária ascensão.

Lembra-te de que o ano em retorno é novo dia a convocar-te para execução de velhas promessas, que ainda não tiveste a coragem de cumprir.

Se tens inimigo, faz das horas renascer-te o caminho da reconciliação.

Se foste ofendido, perdoa, a fim de que o amor te clareie a estrada para frente.

Se descansaste em demasia, volve ao arado de tuas obrigações e planta o bem com destemor para a colheita do porvir.

Se a tristeza te requisita, esquece-a e procura a alegria serena da consciência feliz no dever bem cumprido.

Novo Ano! Novo Dia!

Sorri para os que te feriram e busca harmonia com aqueles que te não entenderam até agora.

Recorda que há mais ignorância que maldade, em torno de teu destino.

Não maldigas, nem condenes.

Auxilia a acender alguma luz para quem passa ao teu lado, na inquietude da escuridão.

Não te desanimes, nem te desconsolares.

Cultiva o bom ânimo com os que te visitam, dominados pelo frio do desencanto ou da indiferença.

Não te esqueças de que Jesus jamais se desespera conosco e, como que oculto ao nosso lado, paciente e bondoso, repete-nos de hora a hora: – Ama e auxilia sempre.

Ajuda aos outros, amparando a ti mesmo, porque se o dia volta amanhã, eu estou contigo, esperando pela doce alegria da porta aberta de teu coração.

Emmanuel
Livro Vida e Caminho – Francisco Cândido Xavier



NÃO PERCAM A PRÓXIMA EDIÇÃO

Limeira Espírita

Nº 161 • ANO 29 • NOVEMBRO / DEZEMBRO • 2010

Médiuns Irresponsáveis

Associou-se indevidamente à pessoa portadora de mediunidade ostensiva a qualidade de Espírito elevado.

O desconhecimento do Espiritismo ou a informação superficial sobre a sua estrutura deu lugar a pessoas insensatas considerarem que, o fato de alguém ser possuidor de amplas faculdades medianímicas, caracteriza-se como um ser privilegiado, digno de encômios e projeção, ao mesmo tempo possuidor de um caráter diamantino, merecendo relevante consideração e destaque social.

Enganam-se aqueles que assim procedem, e agem perigosamente, porquanto, a mediunidade é faculdade orgânica, de que quase todos os indivíduos são portadores,

variando de intensidade e de recursos que facultem o intercâmbio com os Espíritos, encarnados ou não.

Neutra, do ponto de vista moral, em si mesma, a mediunidade apresenta-se como oportunidade de serviço edificante, que enseja ao seu portador os meios de auto-iluminar-se, de crescer moral e intelectualmente, de ampliar os dons espirituais, sobretudo, preparando-se para enfrentar a consciência após a desencarnação.

Às vezes, Espíritos brancos e rudes apresentam admiráveis possibilidades mediúnicas, que não sabem ou não querem aproveitar devidamente, enquanto outros que se dedicam ao Bem, que estudam as técnicas da educação das faculdades psíquicas, não conseguem mais do

que simples manifestações, fragmentárias, irregulares, quase decepcionantes.

Não se devem entristecer aqueles que gostariam de cooperar com a mediunidade ostensiva, porquanto a seara do amor possui campo livre para todos os tipos de serviço que se possa imaginar.

Ser médium da vida, ajudando, no lar e fora dele, exercitando as virtudes conhecidas, constitui forma elevada de contribuir para o progresso e desenvolvimento da Humanidade.

VEJA NESTA EDIÇÃO

- Perguntas que nos fazem
- Práticas Exteriores
- A página teen

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CONTINUA

Através da palavra, oral e escrita, quantos socorros podem ser dispensados, educando-se as criaturas, orientando-as, levando-as à edificação pessoal, na condição de médium do esclarecimento?!

Contribuindo, nas atividades espirituais da Casa Espírita, pela oração e concentração durante as reuniões especializadas de doutrinação, qualquer um se torna médium de apoio.

Da mesma forma, através da aplicação dos passes, da fluidificação da água, brindando a bioenergia, logra-se a posição de médium da saúde.

Na visita aos enfermos, mantendo diálogos confortadores, ouvindo-os com paciência e interesse, amplia-se o campo da mediunidade de esperança.

Mediante o dialogo com os aturdidos e perversos, de um ou do outro plano da vida, exerce-se a mediunidade fraternal da iluminação de consciência.

Neste mister, aguça-se a percepção espiritual e desenvolvem-se os pródromos das faculdades adormecidas, que se irão tornando mais lúcidas, a fim de serem usadas dignamente em futuros cometimentos das próximas reencarnações.

Ser médium é tornar-se instrumento; e, de alguma forma, como todos nos encontramos entre dois pontos distantes, eis-nos incursos na posição de intermediários.

Ter facilidade, porém, para sentir os Espíritos é compromisso que vai além da simples aptidão de contatá-los.

Desse modo, à semelhança da inteligência que se pode apresentar em indivíduos de péssimo caráter, que a usam egoística, perversamente, ou como a memória, que brota em criaturas desprovidas de lucidez intelectual, e perde-se, pela falta de uso, também a mediunidade não é sintoma de evolução espiritual.

Allan Kardec, que veio em nobre missão, Espírito evoluído que é, viveu sem apresentar qualquer faculdade mediúnica ostensiva, enquanto outros indivíduos do seu tempo, que exerceram a faculdade medianímica, por inferioridade moral, venderam os seus serviços, enxovalharam-na, criaram graves

empecilhos à divulgação da Doutrina Espírita que, indevidamente, foi confundida com os maus exemplos desses médiuns inescrupulosos e irresponsáveis.

Certamente, o médium ostensivo, aquele que facilmente se comunica com os Espíritos, quando é dotado de sentimentos nobres e possui elevação, torna-se missionário do Bem nas tarefas a que vai convocado, ampliando os horizontes do pensamento para a imortalidade, para a vitória do ser libertado de todas as paixões primitivas.

Normalmente, e as exceções são subentendidas, os portadores de mediunidade ostensivas, porque se encontram em provações reparadoras, falham no desiderato, após o deslumbramento que provocam e a auto-fascinação a que se entregam por invigilância e presunção.

Toda e qualquer expressão de mediunidade exige disciplina, educação, correspondente conduta moral e social do seu portador, a fim de facultar-lhe a sintonia com Espíritos Superiores, embora o convívio com os infelizes, que lhe cumpre socorrer.

O médium irresponsável, porém, não é apenas aquele que, ignorando os recursos de que se encontra investido, gera embaraços e perturbações, tombando nas malhas da própria pusilanimidade, mas também, aqueloutros que, esclarecidos da gravidade do compromisso, se permitem deslizes morais, veleidades típicas do caráter doentio, terminando vitimados pelas obsessões cruéis.

Todo aquele, portanto, que deseje entregar-se ao Bem, na seara dos médiuns, conscientize-se da responsabilidade que lhe diz respeito, e, educando a faculdade, torne-se apto para o ministério, servindo sempre e crescendo intimamente com os olhos postos no próprio e no futuro feliz da sociedade.

Manoel P. de Miranda
Página psicografada pelo médium Divaldo pereira Franco, em 09.02.1994, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador (BA).



BOLETIM INFORMATIVO SOBRE ESPIRITISMO
Associação Espírita de Estudos Evangélicos “Francisco de Paula Victor”
Instituição de Utilidade Pública - Lei Municipal nº 1098 de 07/03/69 - CGC 51.486.801/0001-40
Rua Armino Tank, 80 • Vila Anita • CEP 13484-299 • Limeira • SP • Tel.: (19) 3701.4092
www.paulavictor.com.br e-mail: paulavictor@limeira.com.br

Respeitamos profundamente os sentimentos que ainda estão enraizados na alma do povo. Mas, em Doutrina Espírita não se pode contemporizar ou haver omissão com vistas às práticas exteriores. Através dos seus ensinamentos entendemos que todas essas demonstrações religiosas são absolutamente desnecessárias.

Manoel Philomeno de Miranda, em seu livro “Nos Bastidores da Obsessão”, psicografia de Divaldo Franco, trata exatamente desse assunto, no capítulo 16 (Ed. FEB), registrando as explicações de José Petitinga, o insigne espírita baiano, quando interrogado por um jovem espírita nas vésperas de seu casamento, sobre se no Espiritismo não deveria haver uma cerimônia qualquer para comemorar os grandes acontecimentos da vida. É oportuna a sua resposta, da qual transcrevemos alguns trechos:

“- O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparência nem representantes, sem ministros. É a religião do amor e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles, conforme o conhecimento que tenha da Imortalidade, dos deveres. ‘É a Religião da Filosofia, a Filosofia da Ciência e a Ciência da Religião’ conforme predicou Vianna de Carvalho em nossa Casa, com justas razões. Não se firma em enunciados estranhos à Boa Nova e tudo quanto os Espíritos informaram ao Missionário Allan Kardec se encontra fundamentado nos Evangelho.

- E não poderíamos (perguntou o noivo, interessado em ouvir a opinião de Petitinga sobre o assunto) formular uma oração de ação de graças em momentos que tais?

- Sim, orar, podemos fazê-lo, porém, na intimidade dos corações, no silêncio do quarto. Uma oração pública requer sempre alguém mais bem adestrado, de verbo fácil e inspirado. Assim, iremos transferindo para outrem o que nos cabe fazer. E como orar é banha-se de luz e penetrar-se de paz, pela decorrente comunhão com o Alto, devemos fazê-lo, nós mesmos, cada um, em particular. Que os compromissados o façam, está muito bem; que os nubentes o realizem, na intimidade da alcova, é de necessidade; que os aniversariantes o produzam, no altar da alma, é muito justo. Mas evitemos hoje que a nossa

emoção e a nossa festividade sejam transformadas amanhã num culto exterior, que



Práticas Exteriores

É muito difícil a uma pessoa que foi acostumada a uma religião com rituais despojar-se de todas essas práticas ao ingressar nas hostes espíritas. Também muitos que desde o berço foram encaminhados para a Doutrina Espírita, mas que trazem de outras vidas um passado religioso ligado a ritos, dogmas e manifestações devocionais exteriores, tem dificuldade de vivenciar a simplicidade e o despojamento que os ensinamentos espíritas apresentam, pelo atavismo muito presente.

A maioria das pessoas ainda sente a necessidade de cultuar imagens, símbolos, mitos, atitudes, enfim, com as quais julgam evidenciar e fortalecer a fé. Soma-se a isso o condicionamento imposto pela sociedade, já que a maioria faz assim, age desse modo, diz que esse é o melhor processo, numa tradição arraigada que se transmite de geração a geração.

Vindo para o Espiritismo, tais pessoas carregam consigo todos esses hábitos, que se transformaram, à custa de constante repetição, numa segunda natureza. A quem automaticamente e torna-se-lhes difícil a incorporação de novos hábitos totalmente opostos. É preciso tempo, esclarecimento e força de vontade.

Muitas destas práticas devocionais ostensivas são mais facilmente suprimidas. Outras, entretanto, mais subjetivas, permanecem firmes, enquistadas na alma do crente, vindo a aflorar nos exatos momentos em que surge o estímulo através de situações propícias.

Assim, não é raro encontrarmos aqueles que, nas Casas Espíritas, ainda estão apegados às

imagens; outros consideram imprescindível aos médiuns o uso das roupas brancas; os que recomendam também os banhos de sal grosso ou de pétalas de rosas brancas como preparação para os trabalhos mediúnicos etc.

Ultimamente, outras novidades surgiram: os cristais, a cromoterapia, as pirâmides, os incensos etc.

Muitos não se libertaram do culto aos mortos, que se manifesta através da visita periódica ao cemitério, onde pensam encontrar junto ao túmulo aqueles que partiram, com ênfase especial para o “dia de finados”.

Em relação à morte, o desapego dessas práticas é bastante custoso. Um semana após o funeral de um ente querido, os parentes creem ser imprescindível uma prece em plena reunião pública do Centro Espírita, isto quando não solicitam um culto especial em homenagem ao falecido. Muitos companheiros ficam até ressentidos com a instituição espírita que não adota tais práticas, julgando ser indiferença, ingratidão ou pouco apreço ante a dor que estão sentindo.

O mesmo ocorre nas datas festivas. Quando nasce uma criança não conseguem entender por que não se faz uma prece no Centro em benefício do Espírito que acaba de reencarnar. Se há um casamento alvitram a possibilidade de uma reunião na Casa Espírita para que se firme o enlace espiritual. Julgam que os Mentores da Casa devem vir abençoar a criança que nasce, o casal que se une, o Espírito que se foi. Concessões vão sendo feitas para melhor atender a essas necessidades e agradecer ao público.



Raul, quem é Jesus para o Espiritismo?

- É o Espírito mais evoluído que Deus mandou à Terra para servir de guia e modelo. Particularmente, vejo muita beleza nessa resposta exatamente porque, uma vez que os Espíritos dizem que Jesus é o mais elevado Espírito que Deus mandou à Terra, todos os demais Espíritos estão ligados a Ele. Então, se o indivíduo é budista, o Buda é um servo de Jesus, se o indivíduo é taoísta, é da linha do Bahá'í, é do judaísmo, todos estão ligados a Jesus Cristo, que é o governador planetário.

Pode-se dizer que Jesus e Seus ensinamentos ainda não foram compreendidos?

- Exatamente! O Espírito Emmanuel escreveu um livro, que leva seu nome, por meio de Chico Xavier, no qual diz que Espíritos de sua faixa de evolução ainda não entendiam devidamente Jesus. Então imaginemos nós, que sobrenadamos essa lama aqui na Terra... Por isso as pessoas fazem ainda piadas com o nome de Jesus, guerras santas, cometem crimes horrendos e nefandos, e enriquecem explorando a bolsa do necessitado, em nome de Jesus.

Eles não têm noção da dimensão do Cristo sobre a Terra e sobre nossas vidas. E se não fosse a misericórdia de Jesus para conosco e para com esses nossos irmãos, a vida na Terra seria insuportável. É muitíssimo importante admitirmos que ainda não entendemos Jesus. Esse eu, longínquo do Cristo, torna-se muito próximo apenas quando nos confiamos a Ele.

É suficiente cremos em Jesus para sermos salvos, como professam algumas religiões?

- Esses mesmos irmãos que pregam que basta cremos em Jesus para sermos salvos não se dão conta de que estão desdizendo a Sua própria fala. Se Jesus Cristo disse: Meu pai trabalha sempre e eu trabalho também, bastaria ao rebanho dEle apenas acreditar? Essa é uma panaceia criada na Idade Média pela Igreja para agradar os nobres,

que a partir disso não trabalharam mais; o trabalho era para mulheres e escravos.

Foi Jesus que nos disse que a cada um será dado conforme suas obras. Veja lá: Thiago diz que a fé sem obras está morta em si mesma e Jesus nos disse que a cada um será dado conforme suas obras e não conforme suas crenças.

É muito fácil a criatura ler no texto, memorizá-lo e repeti-lo, sem digerir intelectualmente o que leu. Fica repetindo frases prontas, palavras de ordem que não são verdades segundo o Evangelho de Cristo.

A salvação é um trabalho que realizamos dentro de nós próprios quando entendemos as leis divinas e temos a disposição de vivenciá-las. Aí estabelecemos uma sintonia com o bem, de tal ordem que nos salvamos da ignorância, nos libertamos de todo mal. Conheceremos a verdade e essa verdade vos libertará. Essa libertação é a redenção, é a salvação.

Jesus deixou-se sacrificar para exemplificar Seus ensinamentos. Isso gerou algum compromisso nosso, coletivo, para com Jesus?

- Não é que isso tenha gerado um compromisso nosso para com Jesus, porque não foi a humanidade como um todo que cometeu o desatino. Quando falamos que o mundo deve isso a Jesus, me diz o Espírito Camilo: é porque aqueles 12 homens que Ele escolheu representavam a humanidade daquela época.

Aprendemos, com a teologia judaica, que eles representavam as doze tribos de Israel, mas isso tem um outro sentido. Jesus não queria escolher doze santos, mas indivíduos que representassem toda a humanidade – o carinhoso, o grotesco, o rude, o intelectual e o politiquês, como era Judas.

Começamos a perceber e a nos dar conta de como era importante Jesus Cristo viver com aquelas pessoas. Não foi fácil para Ele.

Quantas vezes Ele interrogava os amigos: O que é que vocês vinham discutindo pelos caminhos? E o que discutiam era de quem Jesus gostava mais. Eram as mesmas picuinhas que encontramos hoje nos movimentos religiosos.

E Jesus pediu ao Pai na chamada Oração Sacerdotal: Senhor, eu não vos peço que os tireis do mundo, eu vos peço que os livreis do mal.

O problema não é vivermos no mundo com as nossas experiências de crescimento, é nos voltarmos para o mal. As criaturas, representadas naqueles doze apóstolos, estão na nossa casa, no nosso trabalho profissional, na rua! Jesus nos ensinou como lidar, que discursos e sentimentos acionar, com quem tem menos, com quem tem mais, com ignorantes, sábios, com a prostituta, com o ladrão. Ele é para nós a verdadeira referência: Caminho, Verdade e Vida, ou Caminho da Verdade e da Vida, ou Caminho para a Verdadeira Vida.

Extraído do Jornal Espírita Libertador, junho/julho de 2010.